a felicidade nunca vem só

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

CHÁ DAS CINCO
Livros com sexto sentido

Para o Bruce, por me mostrar que estar apaixonada
é a mais extraordinária das aventuras.

CAPÍTULO 1

Ele corria para salvar a pele. E não era a primeira vez. Ao passar pela elegante montra da Tiffany's, desejou que não fosse a última. A noite estava fria, com a chuva de abril escorregadia nas ruas e nos passeios. Havia uma brisa que até em Manhattan tinha o gosto agradável da primavera. Estava a suar. Eles estavam a chegar demasiado perto.

A Quinta Avenida estava calma, até mesmo silenciosa, àquela hora da noite. Os postes de iluminação pública quebravam intermitentemente a escuridão; o trânsito era fluído. Não era lugar para uma pessoa se perder no meio de uma multidão. Quando atravessava a 53rd Street, ponderou esconder-se no metro sob o Edifício Tishman, mas, se o vissem entrar, possivelmente não voltaria a sair.

Doug ouviu o chiar de pneus atrás de si e dobrou rapidamente a esquina da Cartier's. Sentiu a ferroada no braço e ouviu o estouro abafado de uma bala silenciada, mas não abrandou o passo. Quase em simultâneo, sentiu o cheiro a sangue. A situação estava a complicar-se. E ele tinha o pressentimento de que podia ficar ainda pior.

Mas na 52nd Street havia pessoas; um grupo aqui, outro acolá, algumas a caminhar, outras paradas. Havia barulho de vozes, de música. A sua respiração ofegante passava despercebida. Ele parou discretamente atrás de uma ruiva que era dez a quinze centímetros mais alta do que o seu metro e oitenta e dois e com metade em largura. Ela baloiçava-se ao som da música emitida pela sua aparelhagem portátil. Era como esconder-se atrás de uma árvore no meio de um vendaval. Doug aproveitou a oportunidade para recuperar o fôlego e verificar o ferimento. Estava a sangrar como um porco. Sem pensar duas vezes, puxou a bandana do bolso traseiro da ruiva e amarrou-a

em torno do braço. Ela nunca parou de baloiçar e ele tinha uns dedos muito leves.

Era mais difícil matar um homem no meio de uma multidão, decidiu ele. Não era impossível, apenas mais complicado. Doug avançou lentamente por entre os grupos de pessoas enquanto mantinha os olhos e os ouvidos bem abertos para o discreto *Lincoln* preto.

Perto de Lexington, viu o carro encostar a meio quarteirão de distância e os três homens de elegantes fatos pretos saírem. Ainda não o tinham visto, mas não faltaria muito. Pensando rapidamente, perscrutou a multidão onde se havia embrenhado. O cabedal preto com as duas dúzias de fechos era capaz de resultar.

— Eh. — Agarrou no braço do rapaz ao seu lado. — Dou-te cinquenta dólares pelo blusão.

O rapaz de cabelo claro espetado e de tez ainda mais clara não lhe deu importância. — Vai bugiar. Isto é cabedal.

— Cem, então — resmungou Doug. Os três homens estavam cada vez mais perto.

Desta vez o rapaz mostrou mais interesse. Virou a cara e Doug viu o pequeno abutre tatuado na face. — Duzentos e é teu.

Doug estava já a pegar na carteira. — Por duzentos também quero os óculos escuros.

O rapaz tirou rapidamente os óculos espelhados. — Aqui tem.

— Deixa-me ajudar-te a despir isso. — Num movimento rápido, Doug arrancou-lhe o blusão. Depois de meter as notas na mão do rapaz, vestiu-o e bufou devido à dor no braço esquerdo. O blusão cheirava, não propriamente bem, ao anterior dono. Ignorando o facto, Doug puxou o fecho para cima. — Olha, vêm aí três tipo vestidos de cangalheiros. Andam à procura de figurantes para um vídeo do Billy Idol. Tu e os teus amigos deviam dar nas vistas.

— Ah sim? — E quando o rapaz se virou para trás com a melhor expressão de adolescente aborrecido no rosto, Doug entrou pela porta mais próxima.

No interior, o papel de parede refletia cores pálidas sob luzes fracas.

As pessoas estavam sentadas a mesas cobertas de toalhas de linho branco sob gravuras estilo *art déco*. O brilho de corrimãos de metal indicava o caminho para salas de jantar privadas e para um bar espelhado. Doug cheirou o ar e sentiu o aroma típico da comida francesa: salva, vinho de Borgonha, tomilho. Ponderou por breves instantes passar rapidamente pelo chefe de mesa e instalar-se numa mesa tranquila, mas decidiu que o bar seria melhor esconderijo. Com um ar entediado, enfiou as mãos nos bolsos e avançou com

determinação. Quando se debruçou sobre o bar, estava já a pensar como e quando sairia dali.

— *Whisky*. — Ajeitou melhor os óculos sobre o nariz. — *Seagram's*. Deixe a garrafa.

Curvou-se sobre a garrafa com o rosto ligeiramente virado para a porta. Os seus cabelos eram escuros e caíam em caracóis para dentro da gola do blusão; o rosto era magro e estava bem barbeado. Os olhos, escondidos atrás dos óculos espelhados, estavam fixos na porta quando bebeu o primeiro gole de *whisky* ardente. Sem parar, serviu um segundo *shot*. A sua cabeça estudava todas as hipóteses.

Tinha aprendido muito novo a tomar decisões rápidas, tal como tinha aprendido a usar os pés para correr, se fosse essa a melhor solução. Não se esquivava a uma luta, mas gostava de ter as probabilidades a seu favor. Podia negociar com retidão, ou passar por cima dos melhores aspetos da honestidade, dependendo do que fosse mais proveitoso.

O que tinha amarrado ao peito podia ser a resposta para o seu gosto pelo luxo e vida fácil; o gosto que sempre quisera cultivar. O que estava lá fora, a vasculhar as ruas à sua procura, podia ser o fim rápido para qualquer tipo de vida. Depois de pesar ambas as coisas, Doug decidiu apostar no pote de ouro.

O casal ao seu lado discutia, em tom solene, o último romance de Mailer. Outro grupo ponderava a ideia de ir para um clube para ouvir *jazz* e conseguir bebida mais barata. A clientela do bar era constituída maioritariamente por solteiros, concluiu ele, que teriam ido beber um copo para descontrair depois de um dia de trabalho e se mostrar a outros solteiros. Havia saias de cabedal, fatos de três peças e ténis de marca. Satisfeito, Doug pegou num cigarro. Podia ter escolhido um sítio pior para se esconder.

Uma loura de fato cinzento-escuro sentou-se no banco ao seu lado e acendeu-lhe o cigarro com um isqueiro. Cheirava a *Chanel* e a *vodka*.

— Nunca te vi por cá.

Doug olhou-a de relance, o suficiente para assimilar a visão ligeiramente turva e o sorriso predatório. Noutra circunstância, ele tê-lo-ia apreciado. — Pois não. — Serviu mais um *shot*.

— O meu escritório fica a dois quarteirões daqui. — Mesmo depois de três *Stolichnayas*, ela reconheceu alguma arrogância, algo de perigoso no homem ao seu lado. Interessada, aproximou-se mais um pouco. — Sou arquiteta.

Os cabelos da nuca dele eriçaram-se quando eles entraram. Os três pareciam homens elegantes e bem-sucedidos. Ele mexeu-se e olhou por cima do ombro da rapariga quando os três se separaram. Um deles deixou-se ficar à porta. A única saída.

Sentindo-se atraída, e não desencorajada, pela falta de reação da parte dele, a loura pousou uma mão no braço de Doug. — E o que fazes tu?

Ele deixou o *whisky* uns instantes dentro da boca antes de o engolir. — Eu roubo — disse-lhe ele, porque as pessoas raramente acreditavam na verdade.

Ela sorriu enquanto tirava um cigarro, depois entregou-lhe o isqueiro e ficou à espera que Doug lho acendesse. — Estou certa de que é fascinante. — Soprou uma fina coluna de fumo e arrancou-lhe o isqueiro da mão. — E se me pagasses um copo e me contasses tudo?

Era uma pena que ele nunca tivesse tentado aquela frase, dado que parecia resultar tão bem. Uma pena que o *timing* fosse tão mau, porque ela preenchia melhor o fato do que um técnico oficial de contas preenchia o formulário do IRS. — Esta noite, não, doce.

Sempre a raciocinar, Doug serviu-se de mais *whisky* e manteve-se afastado da luz. O disfarce improvisado era capaz de funcionar. Subitamente, sentiu a pressão do cano de uma arma contra as costelas. Pensando melhor, talvez não funcionasse.

— Lá para fora, Lord. O senhor Dimitri está aborrecido por não teres aparecido ao encontro.

— Verdade? — Doug girou descontraidamente o *whisky* no copo. — Ocorreu-me beber primeiro uns copos, Remo, e devo ter perdido a noção do tempo.

O cano afundou-se de novo nas suas costelas. — O senhor Dimitri gosta que os empregados sejam pontuais.

Doug emborcou o *whisky* enquanto via, através do espelho atrás do bar, os outros dois homens posicionarem-se atrás de si. A loura estava já a recuar em busca de um alvo mais fácil. — Estou despedido? — Serviu mais um copo e analisou as hipóteses. Três para um; eles estavam armados e ele não. Mas, pensando melhor, dos três apenas Remo tinha aquilo a que se podia chamar cérebro.

— O senhor Dimitri gosta de despedir pessoalmente os seus empregados. — Remo sorriu abertamente e mostrou dentes perfeitamente capeados sob um bigode da espessura de um lápis. — E ele quer dar-te especial atenção.

— *OK*. — Doug colocou uma mão na garrafa de *whisky* e a outra no copo. — E que tal um copo primeiro?

— O senhor Dimitri não gosta de beber em serviço. E estás atrasado, Lord. Muito atrasado.

— Pois. Bom, é uma pena desperdiçar bebida de boa qualidade. — Virou-se subitamente, atirou *whisky* para dentro dos olhos de Remo e bateu com a garrafa na cara do homem de fato à sua direita. Com o ímpeto do

movimento giratório, embateu de cabeça no terceiro homem e caíram ambos sobre a montra das sobremesas. *Soufflé* de chocolate e leite-creme voaram numa sinfonia de chuva altamente calórica. Entrelaçados como dois amantes, rolaram para cima da torta de limão. — Um desperdício terrível — resmungou Doug e enfiou uma mão-cheia de mousse de morango na cara do outro homem. Sabendo que o elemento surpresa não duraria muito, Doug usou os mais expeditos meios de defesa. Deu uma forte joelhada entre as pernas do adversário. Depois fugiu.

— Ponham na conta do Dimitri! — gritou ele enquanto corria por entre mesas e cadeiras. Num impulso, agarrou num empregado de mesa e atirou-o, mais à bandeja cheia, na direção de Remo. O leitão assado voou como uma bala. Apoiou uma mão no corrimão de metal, transpô-lo com um salto e precipitou-se para a porta. Deixou o caos atrás de si e correu para a rua.

Tinha conseguido ganhar algum tempo, mas eles iriam na sua perseguição. Doug dirigiu-se a pé para a baixa da cidade, indagando-se por que diabo uma pessoa nunca conseguia encontrar um táxi quando era preciso.

O trânsito fluía tranquilamente na autoestrada de Long Island enquanto Whitney se dirigia para o centro da cidade. O avião que a trouxera de Paris tinha aterrado no aeroporto Kennedy com uma hora de atraso. O banco traseiro e a mala do seu pequeno *Mercedes* estavam apinhados de bagagem. O rádio tocava com o volume alto e os acordes estridentes do último êxito de Springsteen faziam ricochete no carro e saíam pela janela aberta. A viagem de duas semanas a França tinha sido um presente que oferecera a si mesma por ter finalmente encontrado coragem para acabar com o noivado com Tad Carlyse IV.

Por mais que os pais tivessem gostado, ela não podia simplesmente casar-se com um homem que usava as peúgas a condizer com as gravatas.

Whitney começou a cantar em sintonia com Springsteen enquanto ultrapassava calmamente um pesado lento. Aos vinte e oito anos, era uma mulher atraente, razoavelmente bem-sucedida na sua carreira e podia contar com o dinheiro da família se as coisas se tornassem verdadeiramente difíceis. Estava habituada à riqueza e à deferência. Nunca precisara de reivindicar nenhuma das duas, apenas esperá-las. Ela gostava de poder entrar numa das discotecas mais chiques de Nova Iorque a altas horas da noite e encontrá-la repleta de pessoas conhecidas. Não se incomodava com as fotos dos *paparazzi*, nem com a especulação das colunas de mexericos sobre qual seria o seu mais recente escândalo. Havia explicado muitas vezes ao seu pai frustrado que não era escandalosa por defeito, mas por natureza.

Whitney gostava de carros velozes, de filmes antigos e de botas italianas.

Naquele momento, indagava-se se iria para casa ou se passaria por casa de Eliane para saber das novidades dos últimos quinze dias. Não se sentia com *jet lag*, mas um pouco entediada. Mais do que um pouco, admitiu. Estava quase a morrer de tédio. A questão era o que fazer para resolver isso.

Whitney era produto de dinheiro novo, de muito dinheiro. Tinha crescido com o mundo à sua disposição, mas nem sempre o considerara suficientemente interessante para lhe pegar. Onde estava o desafio?, perguntava-se. Onde estava — ela odiava usar a palavra — o propósito? O seu círculo de amigos era amplo e, visto de fora, parecia ser diversificado. Mas assim que se entrava nele, assim que se via o que estava por debaixo dos vestidos de seda ou das calças de sarja, havia uma similaridade entre aqueles jovens urbanos, ricos e mimados. Onde estava a emoção? Assim estava melhor, pensou. Era mais fácil lidar com a palavra «emoção» do que com «propósito». Não era nada emocionante ir de jato até Aruba se só precisava de fazer um telefonema para o conseguir.

As suas duas semanas em Paris tinham sido sossegadas, tranquilizadoras e… monótonas. Monótonas. Talvez fosse esse o ponto fulcral. Ela queria algo… algo mais do que podia pagar com um cheque ou um cartão de crédito. Ela queria ação. Whitney também se compreendia suficientemente bem para saber que podia ser perigosa quando estava com aquele tipo de disposição.

Mas não estava com disposição para ir para casa sozinha e desfazer as malas. Pensando melhor, também não estava com muita vontade de ir para uma discoteca cheia de rostos familiares. Ela queria algo novo, algo diferente. Podia experimentar uma das novas discotecas que estavam sempre a aparecer. Se gostasse, podia beber uns copos e fazer conversa. Depois, se a discoteca a interessasse o suficiente, podia dizer algumas palavras às pessoas certas e torná-la o novo local da moda em Manhattan. O facto de ter poder para o fazer não a espantava, nem lhe agradava particularmente. Era simplesmente assim.

Whitney travou de repente num sinal vermelho para conseguir decidir-se. Ultimamente, parecia que nada acontecia na sua vida. Não havia emoção, não havia animação.

Ficou mais surpreendida do que assustada quando a porta do lado do pendura se abriu subitamente. Ao olhar para o blusão preto repleto de fechos e para os óculos escuros espelhados do invasor, abanou a cabeça.

— Não acompanhas as tendências da moda — disse-lhe ela.

Doug lançou um olhar por cima do ombro. A rua estava calma, mas não por muito mais tempo. Entrou rapidamente no carro e bateu com a porta. — Arranca.

— Esquece. Eu não costumo andar por aí com tipos que usam as roupas do ano passado. Vai a pé.

Doug enfiou a mão no bolso e usou o dedo indicador para simular o cano de uma arma de fogo. — Arranca! — repetiu.

Ela olhou para o bolso dele e depois para o rosto. Na rádio, o DJ anunciou uma hora inteira de êxitos do passado. Os Rolling Stones começaram a tocar. — Se há aí uma arma, eu quero vê-la. De outro modo, desaparece.

De todos os carros que ele podia ter escolhido… Por que diabo não estava ela a tremer e a suplicar como teria feito qualquer pessoa normal?

— Raios, eu não quero ser obrigado a usar isto, mas se não arrancares com esta coisa, vou ter de te fazer um furo.

Whitney observou a própria imagem refletida nos óculos dele. Mick Jagger exigia que alguém lhe desse abrigo. — Tretas — disse ela numa dicção perfeita.

Doug ponderou brevemente apagá-la com uma pancada, despejá-la e levar o carro. Outro olhar sobre o ombro mostrou-lhe que não havia muito tempo a perder.

— Olha, menina, se não pões isto a mexer, os três homens que estão naquele *Lincoln* que se está a aproximar de nós farão um estrago enorme no teu brinquedo.

Ela olhou para o espelho retrovisor e viu o enorme carro preto abrandar à medida que se aproximava. — O meu pai já teve um carro daqueles — comentou ela. — Eu sempre lhe chamei carro funerário.

— Pois… arranca ou o funeral vai ser o meu.

Whitney franziu o sobrolho enquanto observava o *Lincoln* pelo espelho retrovisor, e decidiu impulsivamente ver o que se passaria em seguida. Engatou a primeira e atravessou o cruzamento. O *Lincoln* acompanhou-a imediatamente. — Estão a seguir-nos.

— Claro que estão! — disse abruptamente Doug. — E se não pisares no acelerador, vão entrar pelo banco traseiro e cumprimentar-nos.

Mais por curiosidade, Whitney acelerou o carro e virou para a 57th. O *Lincoln* acompanhou-a. — Estão mesmo a seguir-nos — repetiu ela, mas com um sorriso de empolgamento.

— Isto não pode ir mais depressa?

Ela virou o sorriso para ele. — Estás a brincar? — Antes que ele pudesse responder, ela pisou no acelerador e saiu disparada. Aquela era, sem dúvida, a maneira mais interessante de passar a noite que lhe ocorria. — Achas que consigo despistá-los? — Whitney olhou para trás e esticou o pescoço para ver se o *Lincoln* ainda os seguia. — Já viste o filme *Bullitt*? Claro que nós não temos aquelas ladeiras fantásticas, mas…

— Eh, cuidado!

Whitney fez inversão de marcha e ultrapassou rapidamente um sedã que circulava em marcha lenta.

— Olha. — Doug cerrou os dentes. — O objetivo é mantermo-nos vivos. Tem atenção à estrada que eu controlo o *Lincoln*.

— Não sejas tão arrogante. — Whitney virou na esquina seguinte com uma guinada. — Eu sei o que estou a fazer.

— Olha por onde vais! — Doug agarrou no volante e puxou-o para o para-choques não embater num carro que estava estacionado na berma. — Mulher mais idiota!

Whitney levantou o queixo. — Se vais começar a ser insultuoso, vais ter simplesmente de sair. — Abrandou a marcha e aproximou-se do passeio.

— Por amor de Deus, não pares.

— Eu não tolero insultos. Agora…

— Baixa-te! — Doug puxou-a e agachou-a sobre o banco instantes antes de o para-brisas explodir numa teia de fendas.

— O meu carro! — Ela tentou endireitar-se, mas só conseguiu virar a cabeça para verificar os estragos. — Raios, não tinha um único arranhão. Só o tenho há dois meses.

— Vai ter muito mais do que um arranhão se não pisares no acelerador e continuares a andar. — Agachado, Doug girou o volante em direção à estrada e espreitou cautelosamente por cima do painel de instrumentos. — Agora!

Enfurecida, Whitney pisou com força no acelerador e avançou cegamente para a estrada enquanto Doug segurava o volante com uma mão e a mantinha agachada com a outra.

— Não consigo conduzir assim.

— Também não consegues conduzir com uma bala na cabeça.

— Uma bala? — A voz dela não vacilava com medo, mas vibrava com irritação. — Estão a disparar contra nós?

— Não estão certamente a atirar pedras. — Agarrou com força o volante e girou-o, fazendo com que o carro embatesse no passeio e fizesse a curva seguinte. Frustrado por não poder assumir o controlo do carro, olhou cautelosamente para trás. O *Lincoln* continuava a sua perseguição, mas eles tinham conseguido ganhar alguns segundos de avanço. — *OK*, podes sentar-te, mas mantém-te baixa. E, por amor de Deus, não pares!

— Como é que eu vou explicar isto à companhia de seguros? — Whitney esticou o pescoço e tentou encontrar um espaço liso no para-brisas estilhaçado. — Eles nunca vão acreditar que estava alguém a disparar contra mim, e eu já tenho um registo péssimo. Sabes quais são as minhas pontuações?

— Pela forma como conduzes, posso imaginar.

— Bem, para mim basta. — Whitney espetou o queixo e virou à esquerda.

— Esta rua é de sentido único. — Ele fez um ar de impotência. — Não viste o sinal?

— Eu sei que a rua é de sentido único — resmungou ela, pisando mais no acelerador. — É também o caminho mais rápido para atravessar a cidade.

— Oh, céus. — Doug viu os faróis avançarem em direção ao carro, agarrou-se automaticamente ao manípulo da porta e preparou-se para o impacto. Se ia morrer, pensou ele fatalisticamente, preferia que fosse com uma bala certeira no coração, do que ficar espalhado por uma rua de Manhattan.

Ignorando os apitos das buzinas, Whitney guinou com o carro para a direita e depois para a esquerda. Loucos e indefesos, pensou Doug enquanto passavam a alta velocidade por entre os carros que vinham em sentido contrário. Deus cuidava dos loucos e dos indefesos. Ele só podia dar graças por estar com uma louca.

— Eles continuam a perseguir-nos. — Doug virou-se no banco para ver o avanço do *Lincoln*. De algum modo, era mais fácil para si se não visse para onde ia. Eles oscilaram de um lado para o outro quando ela ziguezagueou por entre os carros e de seguida, com uma força que o lançou contra a porta, Whitney virou noutra esquina. Doug praguejou e pôs a mão sobre o ferimento do braço. A dor regressou com um pequeno e insistente latejar. — Para de tentar matar-nos, está bem? Eles não precisam de ajuda.

— Sempre a queixares-te — ripostou Whitney. — Deixa-me dizer-te que não és um tipo lá muito divertido.

— Tenho tendência a ficar mal-humorado quando alguém está a tentar matar-me.

— Bem, tenta animar-te um pouco — sugeriu Whitney. Dobrou a alta velocidade a esquina seguinte, rasando o passeio. — Estás a deixar-me nervosa.

Doug voltou a encostar-se no banco e perguntou-se por que motivo, entre tantas hipóteses, teria de terminar assim, esmagado numa polpa irreconhecível dentro do *Mercedes* de uma louca. Podia ter ido discretamente com Remo para que Dimitri o matasse com algum ritual. Teria sido mais justo.

Estavam de regresso à Quinta Avenida, a avançar para sul a mais de cento e quarenta quilómetros por hora. Ao passarem por cima de uma poça, a lama foi projetada até à altura da janela. Ainda assim, o *Lincoln* estava a menos de um quarteirão de distância.

— Raios. Eles não despegam.

— Ah, não? — Whitney cerrou os dentes e olhou de relance para o espelho. Nunca gostara de perder. — Vê isto. — Antes que Doug tivesse tempo

para respirar, ela virou rapidamente o *Mercedes* em sentido inverso e avançou direito ao *Lincoln*.

Ele observou com uma espécie de terror fascinado. — Oh, meu Deus!

No banco do pendura do *Lincoln*, Remo ecoou o sentimento imediatamente antes de o motorista perder a coragem e guinar em direção à berma. A velocidade fez o carro transpô-la, atravessar o passeio e, com um impressionante floreio, atravessar a montra de vidro laminado da Godiva Chocolatiers. Sem abrandar, Whitney inverteu de novo o sentido da marcha do *Mercedes* e seguiu a toda a velocidade pela Quinta Avenida.

Doug recostou-se no banco e respirou profunda e longamente. — Menina, — conseguiu ele dizer, — tens mais coragem do que inteligência.

— E tu deves-me trezentos dólares pelo para-brisas. — Bastante tranquila, ela entrou no parque subterrâneo de um edifício alto.

— Pois. — Ele tocou no peito e no torso para ver se estava inteiro. — Eu mando-te um cheque.

— Dinheiro vivo. — Depois de estacionar no seu lugar, Whitney desligou o motor e saiu do carro. — Agora podes levar a minha bagagem para cima. — Abriu a bagageira do carro antes de se encaminhar para o elevador. Podia ter os joelhos a tremer, mas diabos a levassem se ia admiti-lo. — Quero uma bebida.

Doug olhou para a entrada da garagem e avaliou as suas hipóteses na rua. Talvez uma hora no interior do edifício lhe permitisse delinear o melhor plano. E ele calculava que estava em dívida para com ela. Começou a tirar a bagagem do carro.

— Há mais no banco traseiro.

— Venho buscar mais tarde. — Pendurou um saco de fatos ao ombro e pegou em duas malas de viagem. *Gucci*, reparou ele com uma careta. E ela estava a exigir uns míseros trezentos dólares.

Doug entrou no elevador e, sem cerimónia, largou as duas malas no chão. — Chegaste de viagem?

Whitney premiu o botão para o quadragésimo segundo andar. — Quinze dias em Paris.

— Quinze dias. — Doug olhou para as três malas. E ela tinha dito que havia mais. — Viajas com pouco, não é?

— Viajo como eu quiser — disse Whitney com um ar bastante imponente. — Já foste à Europa?

Ele sorriu, e embora os óculos de sol lhe escondessem os olhos, ela achou o sorriso atraente. Ele tinha uma boca bem delineada e dentes que não eram perfeitamente direitos. — Algumas vezes.

Avaliaram-se em silêncio. Era a primeira oportunidade que Doug tinha para olhar para ela. Ela era mais alta do que ele esperara, embora ele não soubesse bem o que esperara. O cabelo estava quase completamente escondido debaixo de um chapéu de feltro branco, mas o que ele conseguia ver era tão claro como o do *punk* que ele tinha intercetado na rua, embora de um tom mais rico. A aba do chapéu ensombrava-lhe o rosto, mas ele conseguiu discernir uma imaculada tez de marfim sobre ossos elegantes. Os olhos eram redondos, da cor do *whisky* que ele tinha bebido naquela noite. Os lábios dela não tinham batom, nem sorriam. Ela cheirava a algo suave e sedoso que dava vontade de tocar num quarto escuro.

Ela era o que ele chamava «brasa», embora não aparentasse ter nenhuma curva óbvia debaixo do simples casaco de zibelina e das calças de seda. Doug sempre preferira o óbvio nas mulheres. Talvez o vistoso. Ainda assim, não era para ele sacrifício nenhum olhar para ela.

Whitney enfiou descontraidamente a mão na mala de pele de cobra e tirou as chaves. — Esses óculos são ridículos.

— Pois. Bem, serviram o seu propósito. — Doug tirou-os.

Os olhos dele surpreenderam-na. Eram muito claros, límpidos e verdes. De algum modo, pareciam não encaixar com o rosto e o tom de pele, até se reparar no quão diretos eram, no quão cuidadosamente observavam, como se ele fosse uma pessoa que media tudo e todos.

Ele não a preocupara antes. Os óculos haviam-no feito parecer tolo e inofensivo. Agora, Whitney sentia os primeiros sinais de desconforto. Quem diabo seria ele e por que motivo estaria a ser alvo de perseguição?

Quando as portas do elevador se abriram, Doug dobrou-se para pegar nas malas. Whitney olhou para baixo e reparou no fino fio vermelho que escorria pelo pulso dele abaixo. — Estás a sangrar.

Doug olhou calmamente para baixo. — Pois estou. Para onde?

Ela hesitou apenas por um momento. Conseguia ser tão arrogante como ele. — Para a direita. E não sangres em cima dessas malas. — Passou rapidamente por ele e destrancou a fechadura.

Embora irritado e com dores, Doug reparou que ela tinha um modo de andar muito atraente; um andar lento, solto e com um bamboleio algo elegante, que o fez concluir que ela era uma mulher habituada a ser seguida pelos homens. Deliberadamente, alcançou-a e colocou-se ao seu lado. Whitney lançou-lhe um olhar antes de abrir a porta. Depois acendeu as luzes, entrou e foi direita ao bar. Escolheu uma garrafa de *Rémy Martin* e serviu generosamente dois copos.

Impressionante, pensou Doug enquanto fazia uma avaliação do

apartamento. O tapete era tão espesso e macio que ele não se importaria nada de dormir em cima do mesmo. Ele era suficientemente conhecedor para reconhecer a influência francesa no mobiliário, mas não o suficiente para identificar o período. Ela tinha usado um azul-safira profundo e o amarelo-mostarda para realçar o branco impressionante do tapete. Ele sabia reconhecer uma antiguidade quando a via, e conseguia ver algumas naquela sala. O gosto romântico dela era tão óbvio para ele como a paisagem do Monet na parede. *Uma cópia bastante boa*, concluiu ele. Se tivesse tempo para o sacar, podia ir à sua vida. Não precisou de dar mais do que uma olhadela superficial para constatar que podia encher os bolsos de fechos com punhados das requintadas bugigangas francesas dela para empenhar em troca de um bilhete de primeira classe que o levasse para bem longe daquela cidade. O problema é que ele não se atrevia a fazer negócio em nenhuma das lojas de penhores da cidade. Não agora que Dimitri estava com os tentáculos de fora.

Como o mobiliário não lhe podia ser útil, ele não percebia bem porque o achava atraente. Normalmente, tê-lo-ia considerado demasiado feminino e formal. Talvez, depois de uma noite a fugir, estivesse a precisar do conforto de almofadas de seda e rendas. Whitney bebericou o conhaque enquanto atravessava a sala com os copos.

— Podes trazer as malas para a casa de banho — disse-lhe ela quando lhe entregou a bebida. Largou negligentemente o casaco de peles nas costas do sofá. — Vou dar uma olhadela nesse braço.

Doug franziu o sobrolho enquanto a via afastar-se. Supostamente, as mulheres deviam fazer perguntas, dúzias delas. Talvez aquela não tivesse simplesmente inteligência suficiente para as fazer. Com relutância, seguiu-a e ao rasto do perfume dela. Mas ele tinha de admitir que ela tinha classe. Não havia como negar.

— Despe esse blusão e senta-te — ordenou ela, ensopando de água uma pequena toalha de rosto com monograma.

Doug despiu o blusão e cerrou os dentes enquanto deslizava a manga do braço esquerdo. Depois de o ter dobrado cuidadosamente e de o ter pousado sobre a borda da banheira, sentou-se na cadeira de costas altas em madeira que qualquer outra pessoa teria na sala de estar. Baixou os olhos e viu que a manga da camisa estava empapada de sangue. A praguejar, rasgou-a e expôs o ferimento. — Eu posso fazer isso — resmungou ele, estendendo a mão para pegar na toalha.

— Está quieto. — Whitney começou a limpar o sangue seco com o tecido morno ensopado. — Não posso ver muito bem a extensão da ferida até a limpar.

Ele recostou-se porque a água morna era reconfortante e o toque dela suave. Mas, enquanto se recostava, não tirava os olhos dela. *Que espécie de mulher era aquela?*, perguntou-se. Conduzia como uma louca, vestia-se ao estilo *Harper's Bazaar* e bebia (ele reparara que ela já tinha emborcado o conhaque todo) como um marinheiro. Ele ter-se-ia sentido mais confortável se ela tivesse manifestado apenas um pouco da histeria que ele esperara.

— Não queres saber como fiz isto?

— Hum. — Whitney pressionou uma toalha limpa sobre a ferida para abrandar o novo sangramento. Como ele queria que ela perguntasse, ela estava decidida a não o fazer.

— Uma bala — disse Doug com satisfação.

— A sério? — Interessada, Whitney removeu a toalha para examinar mais atentamente. — Nunca tinha visto um ferimento provocado por uma bala.

— Fantástico. — Ele bebeu mais conhaque. — E que tal?

Ela encolheu os ombros antes de abrir a porta espelhada do armário dos medicamentos. — Não é muito impressionante.

Ele franziu o sobrolho e olhou para a ferida. Era verdade, a bala tinha apenas provocado um corte, mas ele tinha sido atingido. Não era todos os dias que uma pessoa era atingida por uma bala. — Dói.

— Oh… bem, vamos ligar isto tudo. Os arranhões não doem tanto quando não os vemos.

Ele viu-a vasculhar por entre frascos de creme de rosto e óleos de banho. — Tens sempre resposta, menina.

— Whitney — corrigiu ela. — Whitney MacAllister. — Virou-se e estendeu formalmente a mão.

Ele sorriu. — Lord. Doug Lord.

— Olá, Doug. Bom, depois de eu tratar disto, vamos ter de discutir os danos no meu carro e o pagamento. — Regressou ao armário dos medicamentos. — Trezentos dólares.

Ele bebeu mais um gole de conhaque. — Como é que sabes que são trezentos dólares?

— Estou a fazer uma estimativa por baixo. Não se consegue arranjar uma vela de um *Mercedes* por menos de trezentos dólares.

— Vou ter de ficar a dever-te. Gastei os meus últimos duzentos no blusão.

— Esse blusão? — Espantada, Whitney virou a cabeça e fitou-o. — Pareces mais esperto.

— Eu precisava dele — retrucou Doug. — Além disso, é de cabedal.

Desta vez, ela riu-se.

— Uma imitação genuína.

— O que queres dizer com imitação?

— Essa monstruosidade cheia de fechos não saiu de vaca nenhuma. Ah, aqui está. Eu sabia que tinha um pouco. — Com um satisfeito aceno de cabeça, tirou um frasco do armário.

— Aquele filho da mãe — resmungou Doug. Ele ainda não tinha tido tempo, nem oportunidade, para observar com atenção a sua compra. Agora, sob a intensa luz da casa de banho, via que não passava de vinil barato. No valor de duzentos dólares. O ardor súbito no braço fê-lo retrair-se. — Raios! O que estás a fazer?

— É iodo — disse-lhe Whitney, espalhando-o generosamente.

Ele acalmou-se e franziu a testa. — Arde.

— Não sejas bebé. — Envolveu-lhe rapidamente o braço com gaze até o ferimento ficar coberto. Cortou um bocado de adesivo, colou-o e deu-lhe uma palmadinha final. — Pronto — disse ela, bastante satisfeita consigo própria. — Bom como novo. — Ainda dobrada para a frente, virou a cabeça e sorriu para ele. Os rostos estavam próximos, o dela cheio de riso e o dele de irritação. — Agora, acerca do meu carro…

— Eu posso ser um assassino, um violador, um psicopata… — disse ele suave e perigosamente. Ela sentiu um arrepio pelas costas acima e endireitou-se.

— Não me parece. — Mas pegou no copo vazio e regressou à sala de estar. — Mais um?

Raios, ela era realmente corajosa. Doug agarrou no blusão e seguiu-a. — Não queres saber porque estavam a perseguir-me?

— Os maus da fita?

— Os… os maus da fita? — repetiu ele com uma gargalhada estupefacta.

— Os bonzinhos não disparam sobre espetadores inocentes. — Ela serviu-se de mais um conhaque e sentou-se no sofá. — Então, por processo de eliminação, deduzo que sejas tu o bonzinho.

Ele riu-se outra vez e sentou-se ao lado dela. — Muita gente era capaz de discordar de ti.

Whitney estudou-o outra vez sobre a borda do copo. Não, talvez bom fosse uma palavra demasiado concisa. Ele parecia mais complicado que isso. — Bem, e se me dissesses por que motivo aqueles três homens queriam matar-te?

— Estavam apenas a fazer o seu trabalho. — Doug bebeu mais um pouco. — Trabalham para um homem chamado Dimitri. Ele quer uma coisa que eu tenho.

— Que é?

— O caminho para um pote de ouro — disse ele distraidamente.

Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Tinha no bolso menos de vinte dólares em dinheiro e um cartão de crédito expirado. Nada disso podia comprar a sua saída do país. O que tinha cuidadosamente dobrado dentro de um envelope pardo valia uma fortuna, mas tinha de comprar um bilhete antes de poder convertê-lo em dinheiro. Podia roubar uma carteira no aeroporto. Melhor, podia tentar entrar apressadamente no avião, exibindo a identificação falsa e desempenhando o papel de agente duro e impaciente do FBI. Funcionara em Miami. Mas não lhe parecia que fosse funcionar desta vez. E ele sabia que devia seguir os instintos.

— Preciso de um empréstimo — murmurou ele. — Algumas centenas… talvez um milhar. — Virou-se para trás com ar pensativo e olhou para Whitney.

— Esquece — disse ela simplesmente. — Já me deves trezentos dólares.

— Vais tê-los — disse ele abruptamente. — Que diabo, daqui a seis meses, compro-te um carro inteiro! Vê isto como um investimento.

— O meu corretor é que trata disso. — Ela bebericou e sorriu. Ele era muito atraente quando estava inquieto, ansioso por agir. O braço exposto revelava músculos subtis bem torneados. Os olhos brilhavam de entusiasmo.

— Olha, Whitney. — Ele voltou para junto dela e sentou-se no braço do sofá ao seu lado. — Mil. Isso não é nada depois de tudo o que passámos juntos.

— São mais setecentos dólares para além do que já me deves — corrigiu-o ela.

— Pago-te a dobrar daqui a seis meses. Preciso de comprar um bilhete de avião, alguns mantimentos… — Ele olhou para baixo e novamente para ela com aquele sorriso rápido e atraente. — Uma camisa nova.

Um especulador, pensou ela, intrigada. O que significaria para ele um pote de ouro? — Eu teria de saber muito mais antes de aplicar o meu dinheiro.

Através da sedução, ele já tinha conseguido arrancar mais do que dinheiro a mulheres. Por isso, com confiança, pegou na mão dela e passou-lhe o polegar sobre os nós dos dedos. A voz dele era suave, convincente. — Tesouro. Do tipo que só ouvimos falar em contos de fadas. Vou trazer diamantes para os teus cabelos. Diamantes grandes e cintilantes. Vão fazer-te parecer uma princesa. — Passou levemente um dedo pela face dela. Era macia, fria. Por um momento, um único momento, ele perdeu o fio do discurso. — Mais uma coisa de conto de fadas.

Lentamente, tirou-lhe o chapéu e viu com estupefacta admiração os cabelos dela tombarem sobre os ombros, sobre os braços. Claros como o Sol de inverno, suaves como seda. — Diamantes — repetiu ele, embrenhando os dedos. — Um cabelo como este devia ser enfeitado com diamantes.

Whitney sentia-se completamente envolvida por ele. Parte dela teria acreditado em tudo o que ele dissesse, feito qualquer coisa que ele pedisse, desde que ele continuasse a tocar-lhe daquela maneira. Mas foi a outra parte, a sobrevivente, que conseguiu assumir o controlo. — Gosto de diamantes. Mas também conheço muita gente que paga para os ter e acaba com vidro bonito. Garantias, Douglas. — Para se distrair, bebeu mais conhaque. — Quero ver sempre a garantia, o certificado de valor.

Frustrado, ele levantou-se. Ela podia parecer fácil, mas não podia ser mais tenaz. — Olha, nada me impede de levar simplesmente isto daqui. — Agarrou na mala dela e estendeu-lha. — Posso sair daqui com isto, ou podemos fazer um acordo.

Ela levantou-se e arrancou-lha das mãos. — Não faço acordos até conhecer todas as condições. É preciso teres muita lata para me ameaçares depois de eu te ter salvado a vida.

— Salvaste-me a vida? — Doug explodiu. — Quase me mataste vinte vezes!

Ela levantou o queixo. A voz tornou-se régia e altiva. — Se eu não tivesse conseguido despistar aqueles homens, e danificado o carro no processo, estarias a boiar no East River.

A imagem estava demasiado próxima da verdade. — Tens andado a ver muitos filmes policiais — retrucou ele.

— Quero saber o que tens e onde tencionas ir.

— Um *puzzle*. Tenho as peças de um *puzzle* e vou para Madagáscar.

— Madagáscar? — Intrigada, ela deu voltas à cabeça. Noites quentes e abafadiças, aves exóticas, aventura. — Que tipo de *puzzle*? Que tipo de tesouro?

— Isso é assunto meu. — Para proteger o braço, voltou a vestir o blusão.

— Quero vê-lo.

— Não podes vê-lo. Está em Madagáscar. — Ele tirou um cigarro enquanto analisava a questão. Podia dar-lhe apenas informação suficiente para a deixar interessada, mas não para causar sarilhos. Soprou fumo e olhou em redor. — Parece que conheces alguma coisa de França.

Ela semicerrou os olhos. — O suficiente para pedir caracoletas e *Dom Pérignon*.

— Pois, aposto que sim. — Doug pegou numa caixa de rapé incrustada de pérolas que estava em cima de um expositor de antiguidades. — Digamos que as coisas boas que quero têm sotaque francês. Um sotaque francês antigo.

Ela mordeu o lábio inferior. Ele tinha despertado o seu interesse. A pequena caixa de rapé que ele estava a passar de uma mão para a outra tinha duzentos anos e fazia parte de uma extensa coleção. — Quão antigo?

— Dois séculos. Olha, doce, tu podias financiar-me. — Pousou a caixa e dirigiu-se novamente para junto dela. — Vê isto como um investimento cultural. Eu levo o dinheiro e trago-te algumas bugigangas.

Duzentos anos remontavam à época da Revolução Francesa. Maria e Luís. Opulência, decadência e intriga. Enquanto ela ponderava, um sorriso começou a esboçar-se nos seus lábios. A História sempre a fascinara, em particular a História francesa, com a sua realeza e a política da corte, os filósofos e os artistas. Se ele tivesse realmente alguma coisa, e a expressão nos seus olhos convenciam-na de que tinha, porque não havia ela de ficar com parte? Uma caça ao tesouro seria decerto mais divertida do que uma tarde passada na Sotheby's.

— Digamos que eu estivesse interessada — começou ela enquanto pensava nas condições. — Que tipo de risco?

Ele sorriu abertamente. Não imaginara que ela mordesse tão rapidamente o isco. — Dois mil.

— Não me refiro ao dinheiro — disse Whitney com o desdém só possível a alguém rico. — Refiro-me ao que nós temos de fazer para alcançarmos o objetivo.

— Nós? — Ele já não estava a sorrir. — Não existe nenhum «nós».

Ela examinou as unhas. — Sem «nós», não há dinheiro. — Whitney recostou-se e estendeu os braços sobre o sofá. — Eu nunca estive em Madagáscar.

— Então liga para a tua agência de viagens, doce. Eu trabalho sozinho.

— Que pena. — Ela sacudiu os cabelos e sorriu. — Bem, foi um prazer. Agora, se me pagares os prejuízos…

— Olha, não tenho tempo para… — Doug calou-se quando ouviu o ruído surdo atrás de si. Virou-se subitamente e viu a maçaneta da porta girar para a direita e depois para a esquerda. Levantou uma mão, pedindo silêncio. — Esconde-te atrás do sofá — sussurrou ele enquanto perscrutava a sala à procura da arma que estava mais à mão. — Não saias daí e não faças barulho.

Whitney ia objetar, mas ouviu o leve ruído da maçaneta e viu Doug pegar numa pesada jarra de porcelana.

— Baixa-te — ciciou ele enquanto desligava as luzes. Decidindo seguir o conselho dele, Whitney agachou-se atrás do sofá e esperou.

Doug colocou-se atrás da porta, vendo-a abrir-se lenta e silenciosamente. Agarrou na jarra com as duas mãos e desejou saber com quantos teria de lidar. Esperou que o primeiro vulto estivesse completamente no interior para levantar a jarra acima da cabeça e a baixar com toda a força. Ouviu-se um estrondo, um grunhido e depois um tombo. Whitney ouviu os três ruídos antes de o caos começar.

Mais um movimento de pés, outro estilhaçar de vidro — o seu serviço de chá *Meissen*, a avaliar pela direção do som — e depois um homem a praguejar. Um ruído surdo foi seguido de mais um tilintar de vidro. *Uma bala de um silenciador*, pensou ela. Tinha ouvido o som em bastantes filmes policiais para o reconhecer. E o vidro… Ao virar a cabeça, viu o buraco na janela panorâmica atrás de si.

O administrador do condomínio não ia gostar, refletiu ela. Nem um pouco. E ela já estava na lista dele desde que a última festa que tinha dado fugira um bocado ao seu controlo. Raios, Douglas Lord estava a causar-lhe muitos problemas. Era bom — franziu o sobrolho —, era bom que o tesouro valesse a pena.

E seguiu-se o silêncio; um silêncio exagerado. Ela ouvia apenas o som de respiração.

Doug recuou para o canto escuro, empunhando com firmeza a calibre .45. Havia mais um, mas pelo menos agora não estava desarmado. Ele odiava armas. De um modo geral, quem as usava acabava muitas vezes no lado errado do cano.

Estava suficientemente perto da porta para se esgueirar e desaparecer dali, provavelmente sem ser notado. Se não fosse pela mulher agachada atrás do sofá, e a consciência de que tinha sido ele a envolvê-la naquela confusão, tê-lo-ia feito. O facto de não poder fazê-lo só o deixou mais furioso com ela. Talvez tivesse de matar um homem para sair dali. Ele já matara, e estava ciente de que provavelmente teria de matar de novo. Mas era uma parte da sua vida que não era capaz de examinar sem sentimento de culpa.

Doug tocou na ligadura do braço e os dedos vieram molhados. Raios, não podia ficar ali à espera e sangrar até morrer. Deslocando-se em silêncio, avançou encostado à parede.

Whitney teve de tapar a boca para conter todos os sons quando o vulto se agachou junto à extremidade do sofá. Não era Doug; ela viu imediatamente que o pescoço era demasiado comprido e o cabelo demasiado curto. Então vislumbrou um movimento à sua esquerda. O vulto virou-se na direção desse movimento. Antes que tivesse tempo para pensar, Whitney descalçou um sapato. Segurando com firmeza o bom cabedal italiano, apontou o salto de oito centímetros à cabeça do vulto e baixou-o com todas as suas forças.

Seguiu-se um grunhido e depois um baque surdo.

Espantada consigo própria, Whitney ergueu o sapato em triunfo.

— Apanhei-o!

— Deus do Céu — murmurou Doug quando ela atravessou a sala a correr, agarrando-lhe na mão e arrastando-a consigo.

— Deixei-o inconsciente — disse ela a Doug enquanto ele a puxava rapidamente em direção à escada. — Com isto. — Agitou o sapato que estava entalado entre a mão dele e a sua. — Como é que eles nos descobriram?

— O Dimitri. Rastreou a matrícula do teu carro — disse ele, furioso consigo próprio por não ter pensado nisso antes. Enquanto descia velozmente o lanço de degraus seguinte, começou a desenhar novos planos.

— Assim tão rápido? — Ela deu uma curta gargalhada. A adrenalina corria-lhe nas veias. — Esse Dimitri é um homem ou é um mágico?

— É um homem que possui outros homens. Pode pegar no telefone e saber o saldo do teu cartão de crédito e o número que calças em meia hora.

Também o pai dela. Tratava-se de negócios e ela sabia como eram os negócios. — Olha, não consigo correr torta, dá-me só uns segundos. — Whitney soltou a mão da dele e calçou o sapato.

— Temos de chegar à garagem.

— Vamos descer quarenta e dois andares?

— Os elevadores não têm porta das traseiras. — Agarrou na mão dela e recomeçou a correr escada abaixo. — Não quero sair perto do teu carro. Provavelmente ele pôs alguém a vigiá-lo na eventualidade de conseguirmos lá chegar.

— Então porque é que vamos para a garagem?

— Continuamos a precisar de um carro. Tenho de ir para o aeroporto.

Whitney colocou a mala a tiracolo para poder segurar-se ao corrimão enquanto desciam. — Vais roubar um?

— É essa a ideia. Deixo-te num hotel, tu registas-te sob outro nome qualquer e depois…

— Oh, não — interrompeu ela, reparando com satisfação que estavam a passar pelo vigésimo andar. — Tu não me vais largar num hotel. Para-brisas, trezentos dólares; janela de vidro laminado, mil e duzentos; jarra *Dresden* de 1865, dois mil duzentos e setenta e cinco. — Pegou na mala e retirou um bloco de notas sem abrandar o passo. Assim que recuperasse o fôlego, encetaria uma tabela de registo. — Vou cobrar-te.

— Vais cobrar-me — disse ele soturnamente. — Agora, poupa o fôlego. — Ela fê-lo e começou a delinear o próprio plano.

Quando chegaram ao piso da garagem, ela estava suficientemente ofegante para precisar de se encostar à parede enquanto ele espreitava por uma fresta na porta. — *OK*, o mais próximo é um *Porsche*. Eu saio primeiro. Assim que eu entrar no carro, tu vais. E mantém-te agachada.

Doug tirou a arma do bolso. Ela reparou na expressão dos olhos dele; seria uma expressão de asco?, indagou-se. Por que motivo olharia ele para

uma arma de fogo como se fosse algo repulsivo? Ela pensara que uma arma encaixaria como uma luva na sua mão, como na de qualquer homem que frequentasse bares escuros e quartos de hotel fumarentos. Mas não encaixava. De todo. Então ele atravessou a porta.

Quem era realmente Doug Lord?, perguntou-se Whitney. Seria um bandido, um vigarista, uma vítima? Como tinha a sensação de que ele seria os três, ficou fascinada e decidida a descobrir o motivo.

Agachado, Doug tirou do bolso algo que parecia um canivete. Whitney viu-o remexer na fechadura por um instante e abrir silenciosamente a porta do pendura. Independentemente do que ele fosse, Whitney reparou que era bom a arrombar fechaduras. Deixando isso para mais tarde, atravessou cautelosamente a porta. Ele estava já sentado ao volante a mexer nos fios debaixo do painel de instrumentos quando ela entrou no carro.

— Raios partam os carros estrangeiros — resmungou ele. — Deem-me um *Chevy*.

De olhos arregalados de espanto, Whitney ouviu o motor ganhar vida. — Podes ensinar-me a fazer isso?

Doug olhou para ela. — Espera aí. Desta vez sou eu quem conduz. — Engatou a marcha-atrás e tirou o *Porsche* do lugar. Quando chegaram à entrada da garagem, iam a mais de noventa quilómetros. — Tens algum hotel preferido?

— Eu não vou para um hotel. Tu não vais sair de debaixo da minha vista até a tua conta estar saldada, Lord. Para onde fores, eu vou.

— Olha, eu não sei quanto tempo tenho. — Enquanto conduzia, Doug mantinha o olhar atento ao espelho retrovisor.

— O que tu não tens é dinheiro — lembrou-lhe ela. Já estava de bloco de notas na mão a escrever em colunas bem desenhadas. — E deves-me presentemente um para-brisas, uma jarra antiga de porcelana, um serviço de chá *Meissen*, no valor de mil cento e cinquenta dólares, e uma janela de vidro laminado.

— Então mais mil não vão fazer diferença.

— Mais mil fazem sempre diferença. Tu só tens crédito enquanto eu conseguir ver-te. Se queres um bilhete de avião, vais precisar de uma sócia.

— Sócia? — Ele virou-se para ela, indagando-se porque é que não lhe tirava simplesmente a mala e a atirava porta fora. — Eu nunca trabalho com sócios.

— Desta vez vais ter de trabalhar. Cinquenta-cinquenta.

— Sou eu quem tem as respostas. — A verdade é que tinha as perguntas, mas não ia preocupar-se com pormenores.

— Mas não tens o dinheiro.

Ele virou para a via rápida Franklin D. Roosevelt. Não, que diabo, ele não tinha o dinheiro e precisava dele. Então, por enquanto, precisava dela. Mais tarde, quando estivesse a vários milhares de quilómetros de Nova Iorque, poderiam negociar as condições. — *OK*, quanto dinheiro trazes contigo?

— Duzentos.

— Duzentos? Merda. — Ele conduzia agora a uma velocidade constante de noventa quilómetros por hora. Não podia dar-se ao luxo de ser mandado encostar por excesso de velocidade. — Isso não nos leva mais longe do que Nova Jérsia.

— Não gosto de andar com muito dinheiro na carteira.

— Fantástico. Tenho documentos que valem milhões e tu queres entrar na sociedade com duzentos dólares.

— Duzentos, mais os cinco mil que me deves. E… — Enfiou a mão na mala. — Tenho dinheiro de plástico. — A sorrir, levantou um cartão *American Express Gold*. — Nunca saio de casa sem ele.

Doug fitou o cartão, deitou a cabeça para trás e riu-se. Podia ser que ela trouxesse mais problemas do que vantagens, mas ele começava a duvidar.

A mão que pegou no telefone era rechonchuda e muito branca. No pulso, os punhos brancos exibiam botões incrustados de safiras quadradas. As unhas estavam impecavelmente tratadas. O auscultador era também de um branco frio, imaculado. Envolviam-no três dedos elegantemente cuidados e um toco com cicatriz no lugar do mindinho.

— Dimitri. — A voz era poesia. Ao ouvi-la, Remo começou a suar como um porco. Deu uma passa no cigarro e falou rapidamente antes de exalar.

— Eles conseguiram escapar.

Silêncio de morte. Dimitri sabia que era mais assustador do que cem ameaças. Usou-o cinco, dez segundos. — Três homens contra um e uma mulher jovem. Que incompetentes.

Remo alargou o nó da gravata para conseguir respirar. — Eles roubaram um *Porsche*. Vamos neste momento atrás deles para o aeroporto. Eles não vão longe, senhor Dimitri.

— Pois não. Tenho alguns telefonemas para fazer, alguns… cordelinhos para mexer. Encontramo-nos dentro de um ou dois dias.

Remo esfregou a mão sobre a boca quando o alívio começou a instalar-se. — Onde?

Ouviu-se uma gargalhada suave, distante. A sensação de alívio evaporou-se como suor. — Encontra o Lord, Remo. Eu encontro-te a ti.